

A DEMANDA E O DESENCANTO EM «UNE AVENTURE PARISIENNE» DE GUY DE MAUPASSANT

Leonor Martins Coelho
(Universidade da Madeira)

O conto «Une aventure parisienne» de Maupassant, publicado no periódico *Gil Blas* a 22 de Dezembro de 1881, e que veio depois a figurar nas primeiras edições do livro de contos *M^{lle} Fifi*, parece à primeira vista mais um dos «avatars» da literatura sobre o adultério característico dos escritores naturalistas.

É, de facto, a ideia que transparece no incipit quando o narrador define a mulher do seu tempo: ser depravado, astucioso e insatisfeito por natureza, capaz das mais ousadas acções para atingir os seus objectivos. O narrador começa por tecer comentários tão gerais quanto irónicos acerca da Mulher, apresentando-a como um ser encantador, mas de uma audácia perversa. Estes considerandos levam-no a relatar a história de uma provinciana insatisfeita com a vida monótona a que marido e filhos a votaram. Esta visão um tanto misógina parece ir ao encontro das ideias do próprio autor sobre o sexo dito «fraco», já que a Mulher, para Maupassant, não é mais do que um ser pérfido e ávido, desde os primórdios.

A heroína, relegada pelo narrador ao anonimato, experimenta um enorme vazio existencial, sobretudo depois de ter vislumbrado o luxo estonteante das vidas desafogadas do mundo parisiense. Este sentimento de insatisfação é o tema inicial sobre o qual o narrador desenvolve variações, conferindo-lhe quer uma tonalidade afectiva quer uma tonalidade social. Essa mulher é assim um misto de imaginação, curiosidade e sensualismo incompleto, como o atesta a seguinte citação:

«Sa vie [était] calme en apparence...Mais son coeur frémissait d'une curiosité inassouvie, d'une démanigaison d'inconnu...

Elle était jolie encore, conservée dans cette existence tranquille comme un fruit d'hiver dans une armoire close; mais rongée, ravagée, bouleversée d'ardeurs secrètes. Elle se demandait si elle mourrait sans avoir connu toutes [les] ivresses damnantes, sans être jetée une fois, une seule fois, tout entière dans [le] flot des voluptés parisiennes.»

O ritmo ternário, que os três participios passados «rongée, ravagée, bouleversée ...» cadenciam, acentua a agitação da protagonista. Cheia de anseios que a definham, desejosa de viver um ideal forjado pela imaginação, está pronta a fugir do seu insustentável mundo trivial para se lançar nesse incrível mundo parisiense por ela considerado idílico. A descricção do marido, tão breve quanto certa, logo no começo da diegese, em nada abona a seu favor. É uma ridícula figu-

ra doméstica que tem o sono profundo e barulhento, a cabeça envolta num lenço. Agastada com esse marido tão desinteressante, a provinciana não hesita, portanto, correndo o risco de deitar tudo a perder, em ir à cata do homem idealizado nas revistas mundanas para com ele atingir a plenitude, numa demanda que se quer única e definitiva.

Com efeito, educada segundo uma pedagogia errada e influenciada não por romances idealistas, mas pelas leituras de periódicos mundanos, a heroína decide deslocar-se a Paris, a capital do luxo, da elegância, da sensualidade perversa, a fim de sentir o grande «frisson» com um amante de ocasião que fosse, diríamos hoje, «colunável» ou «capa de revista». É essa, pelos menos, a convicção profunda da heroína.

Vai então a Paris, a pretexto de visitar uns familiares. Uma vez na capital, inventa uma desculpa para se ausentar de casa por duas noites. Diga-se, de passagem, que, com estas duas mentiras, mais uma vez se comprova que, no caso de ainda haver dúvidas na mente do leitor, a mulher é ardilosa.

O pouco tempo de que dispõe na cidade-luz não lhe permite nem distrações, nem vagares. No excerto «Et elle cherche. Elle parcourut les boulevards sans rien voir...» os verbos *chercher* e *parcourir* comprovam que a busca tem um objectivo definido e que foi minuciosamente organizada. Aliás, o início da narrativa, salienta a sua obsessão por Paris associada à fantasia da devassidão a ponto de evocar, todas as noites, festas voluptuosas nas quais gostaria de participar:

«Et pendant les longues nuits de rêve...elle se figurait leur vie affolante avec de continuelles débauches, des orgies antiques...et des raffinements de sensualité si compliqués qu'elle ne pouvait même se les figurer.»

Trata-se, portanto, de uma demanda afectiva implicando uma errância espacial acompanhadas pela incerteza e pelo mistério.

O primeiro relato dos seus movimentos em Paris insiste, por um lado, no tema do angustiante compasso de espera que venha alterar a sua vida monótona de mulher da província e, por outro lado, na busca desenfreada pelos *boulevards* da cidade. Esta ideia é confirmada pela utilização do verbo *sonder* e do advérbio *attentivement* na frase que se segue: «Elle sonde de l'œil les grands cafés, lut attentivement la petite correspondance du Figaro». Porém, esta viagem que se apresentava como a oportunidade da fuga à rotina da sua existência, afigura-se-lhe infrutífera. Nessa ocasião, trava conhecimento com uma figura ilustre, numa loja de objectos de arte japonesa, situada na rua Chaussée-d'Antin. Jean Varin, além de ser um coleccionador de peças raras, é também um escritor conhecido, contemporâneo de Dumas filho e de Zola, todos frequentadores da referida boutique, no dizer do vendedor. Aí estava finalmente a oportunidade pela qual ela anseava e que não podia deixar passar. A euforia apodera-se dela, o nome do escritor pronunciado pelo vendedor ressoa várias vezes na sua mente («C'était Jean Varin lui-même, Jean Varin!»). A heroína entra então em cena propondo-lhe uma figura oriental que Jean Varin pretendia comprar, mas à qual tinha renunciado devido ao seu preço excessivo. Perante a recusa deste, ela aceita guardar o objecto com a condição de

o escritor satisfazer todos os seus desejos. O papel dos sexos está aparentemente invertido. É ela quem toma a iniciativa propondo-lhe um passeio, uma bebida num café de um dos *boulevards*, um jantar no café Bignon (lugar de encontro dos escritores e dos artistas), uma ida ao teatro Vaudeville. É ela ainda quem toma a iniciativa de, no final do dia, acompanhar o escritor ao seu quarto. Pelo facto de tentar refugiar-se, o tempo de uma aventura, na paixão extraconjugal, que serviria de catalizador à sua promoção social e sensual, poderíamos pensar que esta provinciana se assemelha à M^{me} de Burne no romance *Notre Coeur*: é ela igualmente quem se insinua no quarto de Mariolle para se tornar sua amante. Contudo, o que marca M^{me} de Burne é a sua autosuficiência e desdém pelo homem. A protagonista de «Une aventure parisienne», talvez por este conto ser escrito antes da revalorização da mulher por parte de Maupassant, está condenada a sofrer o revés da ilusão pela sua sensibilidade exacerbada.

Num primeiro tempo, esta busca supera as expectativas. O escritor apresenta-a aos colegas e a provinciana delicia-se por ser vista em companhia de Jean Varin. A vaidade e a emoção da personagem feminina são várias vezes sublinhadas e culminam na seguinte frase: «Elle était folle de joie». Se tudo parece indicar que a noite se desenrolará de feição para a protagonista, o leitor conhecedor da concepção pessimista que Maupassant tem da existência sabe que se pode preparar para presenciar o abismo que terá lugar entre a heroína e o escritor. (1994: 7-9)

Com efeito, o narrador vai fixar-se na desarmonia do casal e na incompatibilidade entre os dois seres. Esta incapacidade no relacionamento de ambos está patente numa frase curta e elucidativa: «Ils ne se comprirent pas, pas du tout». A dupla negação, bem como o toque monótono do relógio do quarto: «La nuit s'écoula, troublée seulement par le tic-tac de la pendule», vêm acentuar o tédio e o desencanto da heroína. De facto, esta viagem que era para ela a fuga à monotonia, a evasão tantas vezes sonhada, acaba por amplificar o vazio existencial da provinciana, como se atesta no seguinte excerto:

«...elle, immobile, songeait aux nuits conjugales ; et sous les rayons jaunes d'une lanterne chinoise elle regardait, navrée, à son côté, ce petit homme sur le dos, tout rond, dont le ventre en boule soulevait le drap comme un ballon gonflé de gaz. Il ronflait avec un bruit de tuyau d'orgue, des renâclements prolongés, des étranglements comiques. Ses vingt cheveux profitaient de son repos pour se rebrousser étrangement, fatigués de leur longue station fixe sur le crâne nu dont ils devaient voiler les ravages. Et un filet de salive coulait d'un coin de sa bouche entrouverte.»

Na imoderada procura inicial, preocupada apenas em satisfazer os seus anseios, a heroína não se apercebeu da semelhança entre o marido e o escritor, apesar de o narrador apresentar, de imediato, alguns indícios: « un gros petit homme chauve de crâne, et gris de menton». A descrição feita depois pelo olhar desiludido da heroína vem realçar o esque-

ma circular deste conto: o amante ocasional é a imagem deformada num espelho côncavo do que de mais repulsivo há no seu marido. Por isso, fazemos nossas as afirmações de Anne-Lise Blanc para quem «Une aventure parisienne» é a parábola do desencanto e da desilusão (1995: 71). De facto, este conto comporta duas fases distintas: uma fase ascendente, que corresponde ao período de sonho e de fantasia, e uma fase descendente, que corresponde ao momento da decepção.

O desespero total e o desencanto da personagem feminina estão patentes no epílogo do conto, nomeadamente na saída precipitada do quarto, como confirmado pelo ritmo ternário da seguinte frase: «Et elle se sauva, descendit l'escalier, se jeta dans la rue». A decepção do caso amoroso, a fraqueza das relações humanas traduzem-se metaforicamente na derradeira imagem dos varredores de ruas com quem a heroína depara, ao deixar Jean Varin pela madrugada:

«L'armée des balayeurs balayait. Ils balayaient les trottoirs, les pavés, poussant toutes les ordures au ruisseau. Du même mouvement régulier, d'un mouvement de faucheurs dans les prairies, ils repoussaient les boues en demi-cercle devant-eux; et, de rue en rue, elle les retrouvait comme des pantins montés, marchant automatiquement avec un ressort pareil. Et il lui semblait qu'en elle aussi on venait de balayer quelque chose, de pousser au ruisseau, à l'égout, ses rêves surexcités.»

A repetição obsessiva do verbo «balayer», assim como a retoma dos verbos no imperfeito do indicativo, remetem-nos para a narrativa iterativa do conto. Imagem do círculo que encerra a heroína na sua permanência do desespero total. Se, como lembra David Lodge (1997: 7), o conto tem tradicionalmente uma intenção totalmente revelada no final, a que se pode depreender do epílogo de «Une aventure parisienne» é que não se pode fugir da monotonia do quotidiano (os gestos automáticos e regulares dos varredores de rua contribuem igualmente para o comprovar). A errância dos sentidos que a nossa heroína quis experimentar vem reforçar a ideia da «desconstrução» do ser humano na sociedade moderna: na busca desenfreada da paixão acaba por ser a presa das suas obsessões, a vítima dos seus próprios actos. É esta a conclusão a que chega a provinciana, nomeadamente quando afirma a Jean Varin: «J'ai voulu connaître...le...le vice...eh bien, ce n'est pas drôle».

Em suma, em «Une aventure parisienne» sobressai o sentimento de solidão e de sofrimento moral, a amarga certeza de que a busca é infrutífera, a metafísica do fracasso no feminino. Se, para André Vial (1994: 442), o conto atesta por parte do escritor a intenção de isolar o destino de uma pessoa, «Une aventure parisienne» dá conta dessa intenção na medida em que o narrador relata a busca, mal sucedida, do «frisson» amoroso de uma provinciana em Paris. No fundo, a ideia mestre que o conto de Maupassant nos transmite é a de que os anseios da mulher se declinam no tema da errância, mas a sua condição inscreve-se na permanência.

Bibliografia:

- BLANC, Anne-Lise. "Écarts et séduction dans «Une Aventure Parisienne»" in *Maupassant Multiple*, Toulouse, P.U.M., 1995.
- BURY, Mariane. *La Poétique de Maupassant*, Paris Sedes, 1994.
- LODGE, David. *Histórias de Verão, Contos de Inverno*, Porto, Ed. Asa, 1997.
- VIAL, André. *Guy de Maupassant et l'art du roman*, Paris, Nizet, 1994.